

Quando lá chegou, há sete anos, a Nigéria ainda não era a maior economia de África. Agora, que não lhe faltam oportunidades, quer abri-la aos empresários portugueses. Criou a Associação de Amizade e Negócios Nigéria-Portugal para isso. Por **Tânia Pereirinha**

PEDRO HIPÓLITO

“Em Lagos sinto-me como se estivesse em Nova Iorque”

Três anos depois de aterrar pela primeira vez em Lagos, para modernizar a rede de multibanco local, o CEO da SIBS Internacional resolveu partilhar o segredo com o resto dos empresários portugueses. Em Setembro de 2012, a Nigéria acabava de ocupar o trono reservado à maior potência económica de África – era o momento ideal para fundar a Associação de Amizade e Negócios Nigéria-Portugal. Hoje, outros três anos e alguns meses mais tarde, Pedro Hipólito, entretanto agraciado com o título de cônsul honorário de Portugal naquele país, onde passa metade do ano, garante que o que continuam a não faltar são oportunidades para os empresários portugueses.

O que é que a Nigéria tem?

As empresas portuguesas têm facilidade em entrar em África, mas os mercados a que se dedicam são pequenos, como é o caso de Moçambique e mesmo de Angola, que estão agora fortemente impactados com o choque petrolífero. Há dificuldade até em obter divisas. A Nigéria ofe-

F
“Há gruas, carros por todo o lado e restaurantes que não estão às moscas. A classe média é vibrante”



Nigéria

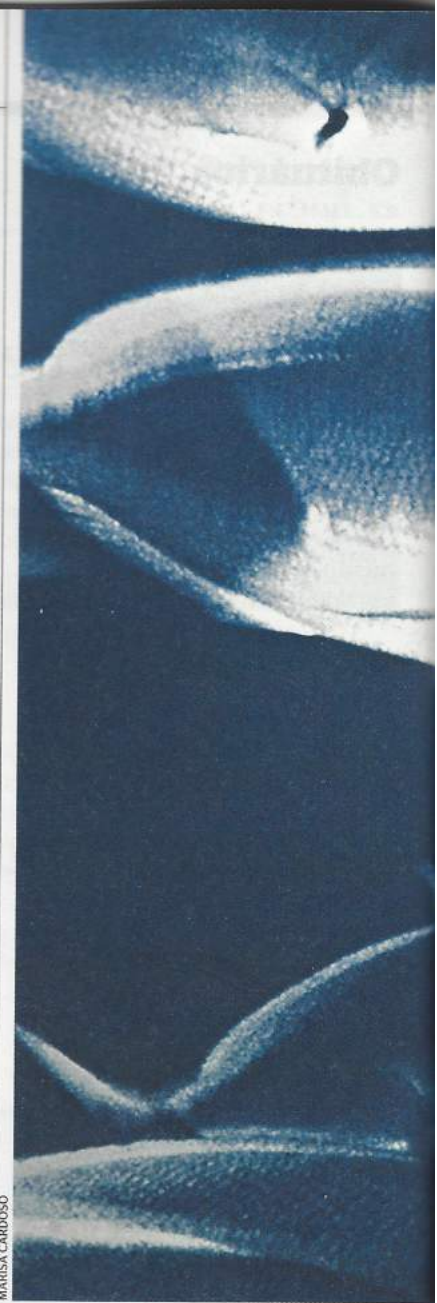
O país mais rico de África tem 180 milhões de habitantes, repartidos por 36 Estados e uma capital federal, Abuja

rece um mercado de grande dimensão: são 180 milhões de habitantes e um PIB que é o dobro do português, quatro vezes o de Angola e 35 vezes o de Moçambique.

Isso traduz-se em poder de compra?

Há três coisas que permitem tomar o pulso a um mercado. A primeira: saio do aeroporto, olho para o horizonte e vejo se há gruas. Há, muitas, o que quer dizer que alguém está a construir – e isso só acontece porque há quem tenha dinheiro para comprar. Em Lagos estão a fazer uma ilha sobre o mar, como fizeram no Dubai, a Eko Atlantic City. Segunda: há trânsito a sério? Se há carros, alguém os comprou, e na Nigéria há carros por todo o lado – e não estão todos a cair de podres. Terceiro: há restaurantes? Há, restaurantes e *nightclubs*, e não estão às moscas. Isto prova que há uma classe média vibrante.

O problema é que essa classe média ainda não é muito expressiva. Representa 11% da população...



MARISA CARDOSO

São 30 milhões de pessoas, três “Portugais”. Quando temos uma população daquela dimensão qualquer percentagem pequena é grande.

Claro, é muita gente, mas do outro lado também será. Não há uma desigualdade muito grande?

Há. Temos desde as super elites, que estudaram em Harvard, têm empresas e muito capital, até pessoas que não têm quase nada. Esta realidade é África no geral e na Nigéria também. O que é diferente é que na Nigéria praticamente ninguém pede dinheiro, toda a gente está a lutar, a trabalhar. O primeiro clique que tive, parado no trânsito, foi ver pessoas a correrem por entre os carros para vender garrafas de água e outras coisas pequeninas. Ao



fim do dia, ganham 3 ou 5 euros, mas não andam a pedir. Há uma cultura de energia e de trabalho. Isso foi uma das coisas que me fez apaixonar pela Nigéria, toda a gente pensa logo – “É o petróleo!” –, mas não, não é. Por exemplo, quase toda a gente da classe média para cima põe os filhos a estudar no estrangeiro. As universidades inglesas, dos Estados Unidos, do Canadá, estão cheias de nigerianos que depois voltam muito bem formados.

Ainda as desigualdades: no dia-a-dia, como é que se vêem?

É preciso ter regras básicas, mas é muito mais seguro do que as pessoas pensam. Não se deve sair do hotel ou de casa e fazer uma caminhada pela rua sem estar acompanhado; se há uma reunião, sai-se do hotel de carro e regressa-se da

mesma maneira; não se vai para o Nordeste do país que é onde estão os problemas com os terroristas do Boko Haram – dentro disso trabalha-se perfeitamente.

Desloca-se num carro normal?

Sem seguranças, sem carros blindados, não é preciso. O que é preciso é não ser ingénuo. É possível fazer negócio e ter uma vida normal – desde que não se queira passear pelas ruas de Lagos e andar à conversa com pessoas desconhecidas. Mas isso acontece quase em qualquer lado.

Quanto tempo lá passa?

Passo lá 50% do meu tempo. Nós, SIBS Internacional, temos uma casa, mas é repartida pela equipa, dá-me mais jeito ficar em hotéis. Há dois ou três em que gosto de ficar. No topo do Eko Hotel há um

▲ O CEO da SIBS Internacional, de 43 anos, recebeu recentemente o título de cônsul honorário de Portugal na Nigéria

■ **“É possível fazer negócio e ter uma vida normal – desde que não se queira passear pelas ruas de Lagos”**

restaurante bom, com vista sobre a cidade toda. No [hotel] Maison Fahrenheit há um bar que é *trendy* e também é engraçado. Oferece a possibilidade de estar a ouvir música ao vivo, com uma comunidade expatriada grande – já há muitos expatriados lá.

Ao todo, quantas empresas trabalham com a Associação?

Umhas 52, dos dois mercados. Portuguesas lá instaladas, são poucas. Temos duas farmacêuticas que já têm uma dezena de medicamentos registados; uma empresa de equipamentos para construção de estradas; e a maior fábrica de CD em África, que é de capital português. Fabrica milhões de CD por mês. Temos uma empresa de tecnologias de informação muito activa e a SIBS, que lá continua ao fim de quase sete anos. ■

Como é que descreveria o país e Lagos, onde se move mais?

Movimento-me em quatro cidades: Lagos, 70%, Abuja, 20%, Port Harcourt e Calabar estas duas menos. Lagos é uma cidade gigante, com 20 milhões de habitantes e um PIB de 83 mil milhões de euros. Só a cidade de Lagos é superior em dimensão económica a 47 países africanos. É superior ao Quênia, por exemplo. Tem muito tráfego, muitas empresas – e as empresas nigerianas são mesmo nigerianas, não são geridas por expatriados, eles têm uma classe de gestores já muito educados. Quando estou em Lagos sinto-me quase como se estivesse em Nova Iorque.

Porquê?

Por causa dos prédios altos, o trânsito, as oportunidades por todo o lado. Claro que com um cheiro africano, mas tem essa vibração que as grandes cidades de negócios têm, toda a gente apressada e a correr.

Falando em cheiro, em Nova Iorque há cachorros em cada esquina, o que é que há em Lagos?

Em Lagos também há! Para quem se começa a sentir à vontade isso também existe. Há bons restaurantes, há bons hotéis, é uma cidade virada para a lagoa – o que também faz lembrar o rio em Nova Iorque. É muito cosmopolita, não tem um Central Park para ir passear a pé ou fazer *jogging* sozinho – e se tiver não recomendo.

Outra coisa que há muito na Nigéria: ricos. São 15.700 milionários, mais uns quantos bilionários. Privou com o maior deles todos...

Com o Aliko Dangote, sim. Foi uma oportunidade interessante, consegui estar com uma das pessoas mais ricas do mundo, com uma fortuna de 27 e tal mil milhões de euros, interesses em todo o lado do planeta, gigante. Já estive com outro, que é o Tony Elumelu (a fundação do Tony Blair chama-se The Blair-Elumelu Foundation porque é feita entre os dois). A Nigéria tem



▲ O empresário português fotografado em Lagos, com as embaixadoras nigerianas Ijeoma Bristol (à esq.ª) e Asalina Mamuno

■ *“A maior fábrica de CD de África é na Nigéria e de capital português. Faz milhões por mês”*



Aliko Dangote

O grupo a que preside é o maior produtor de cimento de África. Aos 58 anos, é o homem mais rico do continente

muitos empresários de dimensão colossal. O Dangote é o mais conhecido porque de facto é enorme, mas há outros que se calhar não têm 27 mas têm 15 mil milhões – e são várias vezes a família mais rica de Portugal. Não recomendo, no entanto, como primeira escolha para uma parceria: as parcerias fazem-se entre iguais. É interessante conhecer as pessoas, porque é quase divertido...

No caso de Aliko Dangote, foi encaixado em reuniões que aconteciam a cada cinco minutos...

Sim, com ele as reuniões são super rápidas. Tive várias tentativas de marcar, ele próprio fazia os reagendamentos, não a secretária, e quando finalmente chegou o dia estavam 12 pessoas, desde senhoras cobertas de diamantes da cabeça aos pés, com Louboutins e Louis Vuittons, que não sei o que lá faziam, até aos típicos *private bankers* americanos. Percebi logo que ia lá passar o dia todo, mas decidi não desistir. Explicaram-me que aquilo era perfeitamente normal, que as reuniões não tinham mais do que 10 minutos e que em duas horas ele falaria comigo.

E falou.

Vi as pessoas todas a serem despachadas e entrei no gabinete dele, muito grande, onde estavam outras

pessoas e decorriam várias reuniões. Pareceu-me que aquilo funcionava como aquelas partidas paralelas de xadrez, aqueles Kasparovs que treinam contra dez pessoas ao mesmo tempo. Foi muito simpático, até jovial, estava em mangas de camisa e quase não me deixou falar. Sabe muito bem o que quer, faz as perguntas certas e, no fim, agradece, vem um empregado com uma bandeja com pilhas de cartões-de-visita do Grupo Dangote, escolhe um ou dois e já está: “Este vai ser o seu contacto”. Não perde tempo, nem oportunidades: se não recebesse as pessoas poderia falhar alguma boa proposta.

É um exemplo de que vale a pena investir no país?

Quem fizer as coisas bem-feitas vai ter mercado. O que falta ali é gente que saiba fazer as coisas com qualidade. E que tenha paciência: não vale a pena ir a pensar que é só despachar contentores, não vai acontecer. Este é um excelente momento para empresas de base industrial ou agrícola que se queiram lá estabelecer. Há muita abertura para projectos em que pelo menos parte da produção seja feita lá. É possível conseguir apoios financeiros, terrenos e licenças. E a Associação Nigéria-Portugal tem os contactos e o que é necessário para abrir portas. ■